

## **Diálogos entre a Administração e Contabilidade: Reflexão sobre as Representações dos Professores**

Alvaro Fabiano Pereira de Macêdo  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido,  
Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais - Grupo de Estudos e Pesquisas em  
Administração (GEPAR)  
alvarofabiano@yahoo.com.br

Ana Cristina Batista dos Santos  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido,  
Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais - Grupo de Estudos e Pesquisas em  
Administração (GEPAR)  
anamairton@hotmail.com

Inacia Girlene Amaral  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido,  
Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais - Grupo de Estudos e Pesquisas em  
Administração (GEPAR)  
girlene\_amaral@hotmail.com

Ygo Biserra Pereira  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido,  
Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais - Grupo de Estudos e Pesquisas em  
Administração (GEPAR)  
alvarofabiano@ufersa.edu.br

Neyjara Nara Vieira Gurgel  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido,  
Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais - Grupo de Estudos e Pesquisas em  
Administração (GEPAR)  
alvarofabiano@ufersa.edu.br

### **Resumo**

O trabalho teve como objetivo compreender as representações de Administração e Contabilidade dos principais agentes formadores do alunado: os professores; e, ainda, a visão dos mesmos sobre a relação entre os cursos. Metodologicamente, este objetivo implicou na realização de uma pesquisa qualitativa exploratória que teve como campo todas as IES de uma cidade brasileira, que ofertam, simultaneamente, os cursos de Administração e Contabilidade. Entrevistas e questionários foram as técnicas de coleta de dados utilizadas junto a seis professores. Dentre os principais resultados, as funções administrativas tendem a ser associadas ao conceito de administração, por parte dos professores de contabilidade; e, conceitos como informação, decisão e resultados tendem a ser associados à contabilidade pelos professores de administração. A dimensão pragmatismo emergiu nos dois grupos de professores apontando para uma lógica finalista. Este trabalho sugere que o debate acerca da interdisciplinaridade não pode ser adotado acriticamente, sem que se considere o tipo de racionalidade subjacente, pois é necessário interrogar-se sobre os pressupostos e finalidades

que por vezes têm distanciado a universidade e os “intelectuais” de seu principal papel - “promover a liberdade humana [pelo] conhecimento”.

**Palavras-chave:** Administração. Contabilidade. Representações.

### **Abstract**

The work had as objective to understand the representations of Administration and Accounting of the main responsible for the students' formation: the professors; and, still, the vision of the same on the relation between the courses. Methodologically, this objective implied in the accomplishment of a qualitative exploration research that had as field all the IES of a Brazilian city, that they offer, simultaneously, the courses of Administration and Accounting. Interviews and questionnaires were the data collecting used together with six professors. Amongst the main results, the administrative functions tend to be associated to the administration concept, by the accounting professors; and, concepts as information, decision and results tend to be associated to the accounting by the administration professors. The dimension pragmatic emerged in the two groups of professors pointing to a final logic. This work suggests that the debate concerning of relation subjects cannot be adopted if not critically unless, not considering the type of underlying rationality, therefore it is necessary to interrogate on estimated and the purposes that for times have put apart the university and the "intellectuals" away their main roles - "to promote the freedom of the human being [through] knowledge".

**Key-words:** Administration. Accounting. Representations.

### **1. Introdução: contextualizando objeto e objetivos**

Caracterizada por seu traço multidisciplinar, a Administração figura entre as matérias com problema de identidade devido à variedade e disparidade de definições, onde ora é conceituada como ciência, ora como arte, outras vezes como tecnologia, e, ainda, como um fenômeno político (Cf. AKTOUF, 2005; RAYMUNDO, 2006). Disto, geralmente se depreende outra problemática, igualmente relevante, que é a do seu ensino fragmentário (NICOLINI, 2001). Por outro lado, a Contabilidade é definida como “uma ciência teórica e prática que estuda os métodos de cálculo e registro da movimentação financeira de uma firma ou empresa” (HOUAISS, 2001), e está ligada à idéia de um sistema ordenado de registro que visa dar clareza às atividades financeiras empresariais (CRANE; McEACHREN, 1962). Trata-se de uma disciplina que intercambia com a Administração, ou, mais especificamente, com a história da empresa, especialmente no que toca ao processo de tomada de decisão, baseado no registro e socialização de informações estratégicas, contribuindo, também, de forma decisiva para o exercício do controle gerencial: “de certa forma, o sistema contábil é um meio de controle, um dispositivo de alarme” (CRANE; McEACHREN, 1962, p. 98).

Embora pareçam claros os vínculos entre a Administração e a Contabilidade, observa-se, com freqüência, falas do alunado, nos corredores universitários, do tipo: Por que tenho que estudar administração em um curso de contabilidade? E, igualmente: Por que tenho que estudar contabilidade em um curso de administração?

Neste trabalho, entende-se que o diálogo entre os campos fundamenta-se, principalmente, nas idéias, nos conceitos, isto é, nas representações dos agentes envolvidos nos mesmos e das reflexões que tais representações suscitam. Tendo isso em vista, o trabalho tem o objetivo de compreender as representações de Administração e Contabilidade dos

Diálogos entre a Administração e Contabilidade: reflexão sobre as representações...

principais agentes formadores do alunado: os professores de ambos os cursos; e, ainda, a visão dos mesmos sobre a relação entre a Administração e a Contabilidade.

## **2. Revisão de Literatura: a interdisciplinaridade como “pano de fundo”**

A interdisciplinaridade é um tema recorrente atualmente, exigindo-se dos profissionais conhecimentos abrangentes dos conteúdos de sua área como também de áreas afins. Recorre que na história da ciência e do ensino, a visão da totalidade que trata da análise do objeto em diversos focos e suas relações é mais antiga que a idéia de fragmentação e redução do objeto de estudo. Sobre essa fragmentação Lück (1995, p. 13-14) alerta que associada a ela, “rompeu-se o elo da simplicidade e estabeleceu-se a crescente complexificação da realidade, fazendo com que o homem se encontre despreparado para enfrentar os problemas globais que exigem dele [...] uma formação orientada para a visão globalizadora da realidade”. Sobre a disciplinaridade, Luck (1995, p. 45) afirma que “a maioria das disciplinas estabeleceram muitas teorias diferentes, sem, contudo, determinar relações entre si, do que resulta o aparecimento de teorias paralelas, divergentes, ambíguas e contraditórias”.

Segundo Japiassú (1976), interdisciplinaridade se define e se elabora por uma crítica das fronteiras das disciplinas, proporcionando uma grande esperança de renovação e mudança no domínio das ciências humanas. Para Dias (2002), o conceito de interdisciplinaridade deve, antes de tudo, romper com a dicotomia dos papéis conferidos àqueles que ensinam e aos que aprendem. É através da interdisciplinaridade que se pode tentar estabelecer uma comunicação entre os especialistas de diversas áreas em torno de uma mesma problemática científica, afirma Assmann (apud HENRIQUE, 2001). Assim, pode-se dizer que a interdisciplinaridade é a incorporação dos “resultados de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise a fim de fazê-los integrar, depois de havê-los comparado e julgado”, complementa Japiassú (1976, p.32).

Uma abordagem de ensino interdisciplinar tem sido então defendida para evitar os problemas que a fragmentação do conhecimento em disciplinas traz: o aluno tem a impressão de estar estudando assuntos distintos sem ligação entre si, ou seja, uma “colcha de retalhos”, uma justaposição de informações e especializações (BELLINASSO, 1998), e cada professor se preocupa apenas com suas disciplinas, considerando-a a mais importante e forçando os alunos a se interessar somente por ela (SANTOMÉ, 1998). Em contrapartida, as seguintes vantagens são atribuídas à interdisciplinaridade: conhecimento de outras perspectivas; crescimento da sensibilidade para assuntos polêmicos; habilidade para sintetizar assuntos diretamente ligados à área afim; ampliação de perspectivas e horizontes; aumento da habilidade de escutar pontos de vista diferentes e sensibilidade para idéias enviesadas (MIRANDA E MIRANDA, 2006).

Schön (2000) argumenta que os problemas práticos não se apresentam aos profissionais com estruturas definidas; nesta mesma direção, Miranda, Souza e Barbosa Júnior (2002) defendem a idéia de que, assim como nas organizações empresariais os diferentes departamentos com suas respectivas atividades específicas estão em constante interação no processo de resolução de problemas das organizações como um todo, a adoção de novas metodologias pedagógicas baseadas no princípio da interdisciplinaridade, surge como a solução a ser adotada pelas instituições de ensino superior de administração e contabilidade com o intuito de fornecer ao mercado um profissional mais capacitado a enfrentar os desafios dos novos tempos.

Para Passos (2004, p. 28)

Na interdisciplinaridade se estabelece uma interação entre duas ou mais disciplinas; em que cada disciplina em contato é modificada e passa a depender, claramente, das outras. O enriquecimento é recíproco e acontece uma transformação de suas metodologias de pesquisa e de seus conceitos.

Surge daí o seguinte questionamento: ocorre esta interação entre a Administração e a Contabilidade? A literatura aponta que não, pois cada professor ao realizar “bem seu trabalho” acredita estar contribuindo no processo de aprendizagem do aluno. Voltando ao ponto discutido anteriormente, da “colcha de retalhos”, onde a falta da inter-relação de conhecimentos fragmenta o ensino, cabe aos professores o papel de aglutinador de saberes partindo para uma perspectiva interdisciplinar.

Laffin (2004) ao comentar acerca da interdisciplinaridade, aborda que deverá tratar como referência o impacto do profissional no contexto do curso e as formas como a instituição se relaciona com o seu universo, considerando como referência a socialização dos conhecimentos e das práticas produzidas no curso, de forma a constituí-lo interdisciplinar.

### 3. Metodologia: o caminho da pesquisa

Considerando os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória que focava, do ponto de vista qualitativo, a compreensão dos fenômenos sociais e não sua mensuração, testagem e explicação; e, no que se refere ao seu caráter exploratório, visava proporcionar maior familiaridade com o problema (RICHARDSON, 1985).

O campo da pesquisa era composto por todas as IES de uma cidade brasileira que ofertam, simultaneamente, os cursos de Administração e Contabilidade, perfazendo um total de três instituições: uma universidade pública, uma universidade particular e uma faculdade particular. A população de trabalho era constituída de (a) professores de Administração que lecionam disciplinas de administração geral nos cursos de Contabilidade das IES pesquisadas; e (b) professores de Contabilidade que ensinam disciplinas de contabilidade introdutória e geral nos cursos de Administração das mesmas IES. A escolha das disciplinas se fundamentou na compreensão de que, nas disciplinas introdutórias, são socializadas as principais representações do campo de conhecimento em questão, e é nessas disciplinas que o objeto é apresentado pela primeira vez ao alunado. A amostra foi composta por acessibilidade e classificada como intencional (Cf. MATTAR, 2001), tendo em vista serem os entrevistados selecionados a partir do julgamento de que constituíam casos típicos da população na qual se tinha interesse, perfazendo um total de seis professores: dois de cada instituição, sendo um professor de administração e outro professor de contabilidade (Vide Quadro 1).

Sujeitos	Sexo	Idade	Instituição	Formação
S1	Masculino	27	Pública	Bacharel em Contabilidade, Especialização em Auditoria Contábil
S2	Feminino	51	Pública	Bacharel em Administração, Especialização em O&M
S3	Feminino	33	Privada	Bacharel em Contabilidade, Especialização em Ciências Contábeis e Mestranda em Administração.
S4	Feminino	32	Privada	Bacharel em Administração, Especialização em Economia e Gestão de Empresas
S5	Masculino	32	Privada	Bacharel em Contabilidade, Especialização em Auditoria Contábil
S6	Masculino	27	Privada	Bacharel em Administração, Especialização em Controladoria e Finanças, Mestre em Administração e Doutorando em Administração

**QUADRO 1 – Caracterização da Amostra**

Fonte: Elaboração dos autores

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas e questionário. Uma vez que se tinha em vista identificar e compreender as representações dos professores, sendo representação aqui entendida como a “idéia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa” (HOUAISS, 2001), a principal técnica utilizada foi a

Diálogos entre a Administração e Contabilidade: reflexão sobre as representações...

entrevista pela possibilidade que oferece de coletar informações através da fala dos atores sociais (MINAYO, 2000), possibilitando cercar a complexidade do problema (RICHARDSON, 1985). Para elaboração dos roteiros de entrevista, considerou-se aspectos da história de vida no tocante ao uso da memória como recurso de coleta de informações, e, principalmente, por possibilitar ao narrador tomar a si mesmo como personagem (QUEIROZ, 1988), estando tal técnica “a cavaleiro de duas perspectivas: a do indivíduo [...] e a de sua sociedade com sua organização e seus valores específicos” (id., p. 36). Os roteiros contemplavam três instâncias da história de vida dos sujeitos: a história de vida estudantil, a história de vida profissional fora da academia e a história de vida profissional como docente.

A partir da emergência, durante as entrevistas, de algumas dimensões importantes, a pesquisa, em sua segunda fase de campo, utilizou o questionário como um “reforço metodológico”, como corrobora Minayo (2000, p. 100): “roteiro é sempre um guia, portanto não pode prever todas as situações e condições do trabalho de campo. No processo de pesquisa pode surgir a necessidade da elaboração de um questionário fechado para captar aspectos considerados relevantes”. Foram elaborados dois questionários nos quais constavam quarenta e cinco termos, dentre os quais os respondentes deveriam indicar a existência ou não de relação dos mesmos com a administração ou contabilidade; e, em existindo relação, qual o grau desta relação (alta, média ou baixa).

Os dados foram analisados considerando as relações entre as abordagens escrita (questionário) e oral (entrevistas). As entrevistas foram analisadas na perspectiva de que são espaços de produção de narrativas que se mostram como textos passíveis de compreensão (KRAMER, 2001). O conjunto de entrevistas foi tomado como uma narrativa totalizante; por razões de espaço, apenas excertos representativos dessa narrativa são citados.

#### **4. Resultados: descrevendo e refletindo sobre os dados**

Tomadas como uma totalidade, as falas dos sujeitos apontam para uma variedade de conteúdos que os mesmos relacionam às duas áreas do conhecimento.

Durante as entrevistas, os professores de contabilidade privilegiaram a relação da administração com as funções administrativas planejamento e controle: “*o quanto é importante nós contadores planejarmos antes de executarmos alguma atividade, então me lembrava sempre dessa forma que a minha professora de introdução à administração ela passava muito sobre isso, a importância de antes de a gente começar a executar uma tarefa, a importância do planejamento, então vamos planejar pra no momento da execução a gente poder controlar algumas coisas que foram desviadas*” (S1). Em geral, ao falarem sobre as funções administrativas, apresentavam a administração nas perspectivas sistêmica e finalista: “*a administração ela vai fazer a gestão de uma organização para que essa organização atinja a sua finalidade seja ela qual for, e aí ela vai usar estratégia de planejamento, de várias ferramentas para atingir o seu objetivo*” (S3).

No questionário, os professores de contabilidade tendem a confirmar a alta relação que estabelecem entre a administração e as funções administrativas. Um pouco diferente das entrevistas, nos questionários, todas as funções administrativas – planejamento, organização, direção e controle – foram apontadas como tendo relação com a administração. Além desses, outros conceitos foram apontados como tendo alta relação com a administração, a saber: hierarquia, decisão, sistema, processo e execução.

Os professores de administração, ao narrarem sobre a contabilidade, a associam a conteúdos como dado, informação, registro, decisão e resultados: “*é o contador que vai passar as informações pra que o administrador tome suas decisões, baseadas nos processos da contabilidade*” (S4); sendo a contabilidade apresentada com um papel instrumental ante a lógica finalista da administração: “*contabilidade pra mim trata-se de registro, informações*

não muito seguras, mas importantes pra mim, pro meu trabalho. Então, não vejo como uma ciência, mas como uma área de estudo mesmo e de prática, e de funcionamento” (S6), ou, ainda, como uma parte integrante de um todo maior (a administração): (a) “eu vejo contabilidade dentro da administração, eu vejo administração como um todo, e esse todo engloba a contabilidade” (S2); (b) eu vejo a administração como uma área com uma perspectiva maior da organização em relação a contábeis e a contabilidade em si seria uma parte hoje pra administração (S6).

Na abordagem escrita, os professores de administração associam os seguintes conceitos como tendo mais relação com a contabilidade: conhecimento, padronização, especialização, mensuração, organização, regras, controle, racionalidade, planejamento e normas. Diferente do que aponta a literatura e do que emergiu nas entrevistas, nos questionários, não se estabeleceu alta relação da contabilidade com o conceito decisão.

Na tentativa de compreender as relações que ambos os grupos estabeleciam entre os dois campos de conhecimento, atentou-se para a emergência de uma dimensão redundante em todos os discursos: o pragmatismo. Tanto os professores de administração quanto os de contabilidade narram ambas as disciplinas sob a lógica do uso, da utilidade, da aplicação, da prática, da finalidade e dos resultados, como exemplifica o Quadro 2.

Sujeito	Conteúdo
S1	<i>O que a gente trabalhou muito foi aquelas quatro etapas, a etapa do planejamento, controle, direção, acho que foi muito voltada assim pra área prática, como um desenvolvimento de um plano de negócio e a gente trabalhar essas etapas.</i>
S2	<i>Qualquer empresa que não trabalhar bem a contabilidade ela está fadada ao fracasso, porque ela é muito importante numa organização na nossa vida particular também porque a contabilidade tem a ver com contas, despesas, receitas, com resultados, então é isso a administração e a contabilidade que eu vejo, com essa grande importância, você saber as suas receitas, as suas despesas, o resultado econômico de sua empresa.</i>
S3	<i>Eu gosto de fazer esse link, tanto no curso de contábeis como é que eles podem contribuir, e em administração o é que eles podem ter e de repente não estão usando. [...] Eu acho que não dá pra aprender contabilidade sem você saber a finalidade, sem você saber aplicar aquilo ali.</i>
S4	<i>Como que você vai planejar se você não sabe a sistemática desse planejamento, dessa ciência que você deve usar, baseado no conhecimento da teoria que você tem. Então é fundamental a disciplina de administração [...] pra que eu entenda quais são as estratégias que eu vou usar.</i>
S5	<i>Eu considero uma ferramenta gerencial muito importante. [...] também a questão do processo decisório que você tem que começar do planejamento, questão das ferramentas, a questão do controle a gente utiliza aqui também.</i>
S6	<i>Deixou de ser uma coisa de você pegar um monte de dados, de informações, e aí sair fazendo: é débito, é crédito, aí faz razonete, faz balanço. Então, a gente saiu dessa parte, aí a gente já começa a pegar aquele dado já pronto, vamos dizer assim, e ver a aplicação real dele (S6).</i>

**QUADRO 2 – Assertivas dos entrevistados (Dimensão Pragmatismo)**

Fonte: elaboração dos autores (2007)

Em seu sentido dicionarizado, pragmatismo remete a noções como: (a) aplicação das idéias e conseqüências práticas de conceitos e conhecimentos; filosofia utilitária; (b) corrente de idéias que prega que a validade de uma doutrina é determinada pelo seu bom êxito prático; (c) consideração das coisas de um ponto de vista prático; tratamento prático, não dogmático das coisas; ou, ainda, (d) tratamento dos fenômenos históricos com referência especial às suas causas, condições, antecedentes e resultados (HOUAISS, 2001). A lógica do pragmatismo envolve a noção de um lócus da aplicação, um local em que as práticas ensejadas sejam objetivadas. Os entrevistados apontam a empresa como este lócus, narrando-a como uma organização-sistema que reclama por funcionalidade, e é dentro dela que eles alocam a administração e a contabilidade: “a contabilidade, ao meu ver, é como se fosse não o coração da empresa, porque como vivemos em uma questão de interdependência de um departamento com o outro, [...] que uma coisa depende da outra e que, como se fosse uma peça de quebra-

Diálogos entre a Administração e Contabilidade: reflexão sobre as representações...

*cabeça, se você tirar uma peça a empresa pára, eu acredito que a contabilidade ela não deve ser o coração da empresa, mas uma das partes pra formar o quebra-cabeça” (S4). Para eles, é o ambiente da empresa o mundo administrativo por excelência, o local dos resultados: “eu tive uma oportunidade na área administrativa da universidade como coordenador do curso de graduação, aí fiquei mais ou menos um ano e meio nessa função de coordenador de curso, [...] e aí senti necessidade de voltar pra área, pro mundo empresarial de novo, pela necessidade de resultado, viver o mundo administrativo mesmo” (S6).*

A idéia do pragmatismo evocado no discurso dos dois grupos de professores se mostra conexa aos resultados do estudo de Batista-dos-Santos (2005, p. 98) em que um grupo de professores de administração tende a ver esta disciplina como um fazer, assumindo o aspecto de função instrumental na organização-sistema que tem que funcionar, função que é narrada como de outra ordem que não a do pensar.

Os discursos dos sujeitos como que evidenciaram a “encruzilhada e/ou armadilha conceitual” em que estão envolvidos, que lembra o pensamento de Ramos (1983, p. 81): “a cidadela do conhecimento organizacional de nossos dias é semelhante a uma torre de Babel [em que reina] uma confusão de línguas ensurdecadoras.” De forma semelhante à literatura administrativa prevaiente, este grupo alterna em conceituar a administração como uma ciência, uma arte e também uma tecnologia. Quando convidados a classificar a contabilidade, a falta de consenso também se evidenciou, contudo tendendo mais a classificá-la como ciência. O Quadro 3 exemplifica esse ponto.

Nos questionários observou-se uma predominância de classificar a contabilidade como ciência, e também como uma tecnologia. No caso da administração, não se observou uma predominância de arte ou de ciência, pelo contrário, as alternâncias que emergiram nas entrevistas se repetiram na abordagem escrita.

Diante das imprecisões, impõe-se uma reflexão sobre algumas possibilidades de exercícios conceituais, não de todo conciliáveis: (a) Quando a administração busca testar e comprovar hipóteses, e generalizar resultados, sendo estes tratados como conhecimentos a serem aplicados universalmente, trata-se de uma ciência exata?; (b) A administração, quando busca compreender os fenômenos humanos/sociais que ocorrem no interior das organizações, e destas na sociedade, poderia ser definida como uma ciência social?; (c) Quando trata de criação, habilidade, talento, emoção, criatividade, será a administração uma arte?; (d) Quando é apresentada como ação e aplicação, denomina-se uma tecnologia?

Ao analisar algumas facetas deste debate, Raymundo (2006, p. 12) argumenta que “enquanto a medicina está presa aos cânones das suas enciclopédias, a administração transita livremente entre o senso comum e as teses de mestrado e doutorado”. É importante observar que quando da tentativa de classificar a administração como ciência, no sentido que o termo é usado nas ciências naturais, o entrevistado S2 (Ver Quadro 3) investiu em uma analogia com a agronomia sem, contudo, conseguir aplicar plenamente o seu argumento de conceito científico (*quando prova, é ciência*) na administração: “em administração você sabe que é ciência, porque existem ferramentas que você usa e obtém resultados”. O que parece estar em jogo é um tipo de saber operatório, tecnológico. Outra problemática que Raymundo (2006, p. 12) suscita é: “não adianta conhecer, deter, dominar uma técnica e/ou conhecimento se, ao mesmo tempo, não estiver disponível uma habilidade de gerenciar essa técnica e esse conhecimento, vale dizer, administrá-los”. Neste sentido, Raymundo (2006) como que corrobora a idéia da administração como uma arte que, portanto, depende das habilidades pessoais daquele que a exerce. S4 (Ver Quadro 3) parece seguir nessa linha de pensamento.

Sujeito	Conteúdo
S1	<i>Como a administração é uma arte, e o tempo todo necessita tomar decisões para que dê um giro operacional melhor para empresa, então eu acredito que a contabilidade e administração veio para se aglutinar à mesma ciência para que a Contabilidade facilite a administração e que a administração venha a contribuir para a contabilidade, para juntas conseguirem passar melhores ferramentas, melhores subsídios para o processo decisório. O que é bom é que elas não são totalmente iguais, por administrar ser um pouco arte, por ser um pouco diferentes formas de se trabalhar, e vem a contabilidade como uma ciência exata para complementar essa arte, e já a contabilidade por ser uma ciência um pouco mais exata precisa do que a administração para poder dar novos direcionamentos, novas formas de se trabalhar essa informação pra que essa informação não seja igual para todas as empresas, para que nós da contabilidade pegamos ganchos da administração para saber o que o gestor, o administrador pretende com aquela informação e trabalhar informações diferenciadas para cada tipo de usuário. Então eu acho que a arte e a ciência se aglutinam para que ambas consigam aí acrescentar cada vez mais no cotidiano das empresas.</i>
S2	<i>Contabilidade é ciência mesmo, é porque a gente tem conhecimento de administração, dos primórdios da administração, por exemplo, nas pirâmides tinha algo de administração, teve que ter planejamento, controle, teve divisão de tarefas, administração é ciência e é arte [...] e contabilidade é ciência, eu não acho que contabilidade é arte porque ela mensura e observa, por exemplo, para que você prove que é ciência, se a gente for olhar na parte de agronomia uma planta você coloca uma determinada substância, e observa se ela cresce mais ou menos, então isso é mensuração e observação, você tem dados suficientes e prova, quando você prova, é ciência, em administração você sabe que é ciência, porque existem ferramentas que você usa e obtém resultados.</i>
S3	<i>Eu encaro como ciência todas as duas, porque eu vejo que você tem um objeto definido, um objeto de estudo, isso é um passo importante, você ter um objeto de estudo, eu acho que você tem princípios, eu acho assim que existem os elementos pra que elas sejam classificadas como ciência, eu acredito que seja, eu não vejo nenhuma das duas como uma arte, uma coisa assim de senso comum.</i>
S4	<i>A administração na verdade é uma ciência, a partir da administração científica ela passou a ser ciência. Então assim, a arte de você, administração e contabilidade pra mim todas duas são ciências e são arte. Qual a diferença de ciência pra arte? Porque a ciência ela investiga mas ela não trabalha, ela só dá a informação. A ciência e a arte, qual a diferença da arte? É justamente você pegar esse conhecimento e você tentar agregá-lo de forma diferente, é a mesma coisa de quais são as habilidades do administrador?</i>
S5	<i>A contabilidade pelo que a gente estuda na academia? Alguns autores consideram ciência outros arte, eu considero que tenha um pouco de arte que contabilidade é muito prática, embora também considerada como ciência você tem que ter muita prática. [...] na administração eu já não posso dar um conceito meu com a mesmo propriedade porque não é meu foco, não desmerecendo a administração. [...] eu acredito que administração é ciência e também um pouco de arte, precisa-se de alguma experiência.</i>
S6	<i>Eu questiono muito o que as pessoas hoje chamam de ciência e como se faz ciência, então a própria administração enquanto, hoje, ensino no Brasil, é mais management como é feito nos Estados Unidos, mais prática organizacional, ferramentas de gestão, etc do que uma ciência que realmente forme pesquisadores. Então quando eu [não classifico a contabilidade como ciência] é porque eu ainda vejo a contabilidade enquanto muito prática, enquanto muito ferramenta, você entregar pro aluno simplesmente uma série de instrumentos pra ele usar no dia a dia de trabalho. [...] A área contábil é extremamente técnica, bem instrumental, a administração um pouco menos, mas também. [...] Mas, tem controvérsia na própria administração como ciência. Então, eu vejo assim, hoje, a administração como ela é encarada no Brasil, eu não vejo como um bacharelado, talvez seria um tecnólogo de quatro anos.</i>

**QUADRO 3 – Assertivas dos entrevistados (Dimensões: Ciência, Arte e Tecnologia)**

Fonte: elaboração dos autores (2007)

Aktouf (2005, p. 152), numa síntese sobre este debate, argumenta:

Os debates sobre formação em administração tendem, frequentemente, a ignorar a dimensão ideológica e a considerar a administração como uma ciência, uma arte ou, até mesmo, as duas ao mesmo tempo. Ora, penso que a administração não é nem uma nem outra, já que a ciência é feita para compreender e não para multiplicar, maximizar ou fazer dinheiro, e a arte é uma busca do estético, da emoção, que não se avalia em dinheiro, que não busca tornar a emoção rentável.

É nesse sentido da avaliação em dinheiro e da rentabilidade que as representações de administração e contabilidade parecem convergir, e a própria história da contabilidade

explica: “o aperfeiçoamento da contabilidade foi a consequência natural das necessidades geradas pelo advento do capitalismo. O processo de produção na sociedade capitalista gerou a acumulação de capital, alterando-se as relações de trabalho, tornando os registros mais complexos” (ZANLUCA, 2007, p. 1). Para Zanluca (2007), a história da contabilidade é tão antiga quanto a história da civilização e, desde o início, associada à idéia de posse. Contemporaneamente, há uma indissociabilidade entre a contabilidade e a história da empresa capitalista: “a criação de grandes empresas, como as multinacionais ou transnacionais, por exemplo, que requerem grandes capitais, de muitos acionistas, foi a causa primeira do estabelecimento das teorias e práticas contábeis” (ZANLUCA, 2007, p. 1). Neste sentido, uma compreensão possível é que a contabilidade segue os rumos da administração.

Quanto à dimensão ideológica de que trata Aktouf (2005), Raymundo (2006, p. 75) aborda na seguinte perspectiva: “a administração acontece na esfera das organizações, num processo que intervém na vida das pessoas ligadas a essas organizações. É, portanto, um fenômeno político” (grifo do autor). Nessa linha, Raymundo (2006) também incorre numa tentativa de síntese do conceito de administração, afirmando que na verdade se está a tratar do poder, de um poder intervencionista, de um poder de mando. Isto emergiu na narrativa sob a representação da administração como personalização, ou como filosofia pessoal: “*eu acho que [administração] se personaliza, acho que depende muito de quem tá no topo, de quem dá as ordens, se você tem uma pessoa por exemplo aqui na Alfa, se a gente tivesse uma direção geral, que não concordasse com nada de opinião dos outros diretores, pra ele tomar a decisão do campus, todo mundo ia ter que seguir aquela filosofia dele, não adiantava ficar batendo na tecla se a pessoa não internaliza aquilo ali, então eu acho assim se não vier apoio do topo a coisa não acontece. Eu acho que você pode ter o reitor da universidade, ele tem o pensamento dele, e a gente pode tá batendo ali, enquanto ele não aceitar, não vai funcionar. Agora no momento que disser eu aceito essa idéia, aí o negócio funciona, eu acho que depende muito de quem tá na cúpula da empresa, aí infelizmente, alguns absorvem bem, o conhecimento de administração e tem uma visão de futuro, e aplicam.*”. (S3)

## 5. Considerações Finais

Os autores deste trabalho entendem que “as representações de um indivíduo não são independentes, relacionam-se a outros sistemas de representação e expressam um discurso sobre a sociedade inteira” (SAWAIA, 1993, p. 78). Ao “dar voz” aos professores, eles falaram não apenas sobre si mesmos, mas também sobre a universidade e sobre o papel desta na sociedade. Um aspecto emergente na narrativa foi o da universidade como local de “produção (ou não produção) de intelectuais”: *Você está entregando um ferramental pra o mundo e consciência crítica deles mesmo, diferença de realidade é zero. [...] Ele pode até saber as ferramentas, mas ele não consegue pensar. [...] A universidade deixou de ser uma referência nessas áreas do conhecimento de produzir intelectual, hoje em dia você produz robôs* (S6).

A inquietação de S6 parece ser compreendida por Neves e Fernandes (2002) em suas leituras reflexivas sobre a nova realidade da educação superior brasileira e o tipo de intelectuais que ela (con)forma: “preocupado em formar esses intelectuais de novo tipo, sintonizados com a cultura empresarial contemporânea, o Estado neoliberal propõe a transformação das universidades públicas federais, até então produtoras de conhecimento, em universidades operacionais” (NEVES; FERNANDES, 2002, p. 29) (grifo nosso). De fato, a “nova universidade” e o “novo intelectual” só se tornam compreensíveis à luz das novas formas de produção. Em tempos de reestruturação produtiva, como os do capitalismo na contemporaneidade, cria-se um novo nexos entre ciência e trabalho (NEVES; FERNANDES, 2002). Por este novo vínculo, a ciência é submetida, de forma mais aprofundada, ao emprego diretamente produtivo: “a educação superior [...] passa a ter como prioridades [...] capacitar a

força de trabalho para adaptar a tecnologia produzida no exterior e conformar este novo trabalhador qualificado às novas exigências da cultura empresarial” (NEVES; FERNANDES, 2002, p. 26). “Este novo estágio do processo civilizatório, que inaugura um novo nexo entre ciência, vida e ciência e trabalho e entre saber e poder, vem requerendo a formação de intelectuais de novo tipo” (NEVES; FERNANDES, 2002, p. 22)

Ao falar sobre o genuíno trabalhador intelectual, Said (2005, p. 78), afirma que, atualmente, a ameaça que lhe cerca reside no profissionalismo, isto é, aquilo que “você faz para ganhar a vida [...] com um comportamento apropriado [...]; não saindo dos paradigmas ou limites aceitos, tornando-se comercializável, apresentável, portanto, não controverso, apolítico e ‘objetivo’”. Sob esse profissionalismo, o intelectual estaria fadado a relegar uma de suas principais tarefas - “o esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” (SAID, 2005, p. 10) – e o seu principal objetivo: “promover a liberdade humana e o conhecimento” (id. p. 31).

Finalmente, este trabalho sugere que o debate acerca da interdisciplinaridade não pode ser adotado acriticamente, sem que se considere o tipo de racionalidade - neste estudo, uma racionalidade predominantemente instrumental - que subjaz nos discursos dos agentes do campo. A racionalidade instrumental é orientadora de ações que se caracterizam por serem “sistemáticas, conscientes, calculadas, atentas ao imperativo de adequar condições e meios a fins deliberadamente elegidos” (RAMOS, 1983, p. 38). As ações não são consideradas a partir da qualidade intrínseca ao seu conteúdo, mas em seu maior ou menor concurso para obtenção das finalidades estabelecidas. A racionalidade instrumental é reducionista, calculista e unidimensional, pois conduz as pessoas a um tipo de procedimento em que o mundo exterior é reduzido a um objeto manipulado por razões finalistas (MUHL, 1996). Assim, empreender de forma crítica o necessário debate sobre a interdisciplinaridade no ensino superior, pode significar interrogar-se sobre os pressupostos e finalidades que por vezes têm distanciado a universidade e os “intelectuais” de seu principal papel - “promover a liberdade humana [pelo] conhecimento” – pela submissão plena e acrítica às lógicas do mercado.

## Referências

AKTOUF, O. Ensino de Administração: por uma Pedagogia para a Mudança. **Revista Organizações e Sociedade**. v.12, n. 35, 2005.

BATISTA-DOS-SANTOS, A.C. **Crítica das Representações de Organização e Administração de um Grupo de Proprietários-Gerentes de Micro e Pequenas Indústrias e de um Grupo de Docentes de Administração**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2005.

BELLINASSO, W. Interdisciplinaridade: uma forma de compreender e modificar o mundo. **Revista FAE**, n. 1/2, p.51-55, 1998.

CRANE, R.; McEACHREN, J. W. A Contabilidade a serviço da Decisão. **Revista de Administração de Empresas**. v.2, n.3, p. 97-112, 1962.

DIAS, T. M. C. Inovações no processo de ensino aprendizagem da administração: interdisciplinaridade x interdisciplinaridade. In: ENCONTRO DA ANGRAD, 13, 2002. **Anais do XIII ENANGRAD**. Rio de Janeiro: ANGRAD, 2002. 1 CD.

HENRIQUE, D. A indissociabilidade do processo de ensino da gestão acadêmica: uma reflexão preliminar sobre a multidisciplinaridade no ensino de administração. In:

Diálogos entre a Administração e Contabilidade: reflexão sobre as representações...

- ENCONTRO DA ANGRAD, 12, 2001. **Anais do XII ENANGRAD**. São Paulo: ANGRAD, 2001. 1 CD.
- HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD.
- JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KRAMER, S. Linguagem e História. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAFFIN, M. Projeto Político-pedagógico nos cursos de Ciências Contábeis. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Jul-Ago 2004.
- LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MIRANDA, C.; MIRANDA, R. A. M. Interdisciplinaridade e métodos de ensino no curso de contabilidade: um estudo no nordeste paulista. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6, 2006. **Anais do 6º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**. São Paulo: EAC/FEA/USP, 2006. 1 CD.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- MUHL, E.H.. Crítica à racionalidade instrumental: as contribuições de Adorno e Horkheimer. In: CENCI, Ângelo (Org). **Ética, Racionalidade e Modernidade**. Série Ciência Filosofia. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.
- NEVES, L. M. W; FERNANDES, R. R. Política neoliberal e educação superior. In: CENCI, Ângelo (Org). **O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990**. São Paulo: Xamã, 2002.
- NICOLINI, A. **Qual será o futuro das fábricas de administradores?** In: ENCONTRO DA ANPAD, 25., Campinas, 2001. **Anais do XXV EnANPAD**. Campinas: ANPAD, 2001, 1 CD.
- PASSOS, I. C. **A interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa contábil: um estudo no município de São Paulo**. 2004. 164f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) FEA/USP. São Paulo.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. In: VON SIMSON, O.M. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAMOS, A. G. **Administração e contexto brasileiro: esboço de uma teoria geral da administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- RAYMUNDO, P. R. **O que é Administração**. Ed.Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 2006
- RICHARDSON, R. J. et alli. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- Macêdo, A. F. P.; Santos, A. C. B.; Amaral, I. G.; Pereira, Y. B.; Gurgel, N. N. V.

SAID, E.W. **Representações do Intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOMÈ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAWAIA, B. B. Representação e Ideologia – o encontro desfetichizador. In: SPINK, M.J. (org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ZANLUCA, J. C. **História da Contabilidade**. Disponível em: <[www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/historia.htm](http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/historia.htm)>. Acesso em: 11 jun 2007.